

SEMINÁRIO PRESBITERIANO BRASIL CENTRAL

SEMANA TEOLÓGICA – 16-19 DE MAIO DE 2017

500 ANOS DA REFORMA PROTESTANTE: LEGADOS E DESAFIOS DR. ALDERI MATOS – DIREITOS RESERVADOS

DESAFIOS DA REFORMA

Introdução

- Qual o sentido de comemorar o 5º centenário da Reforma Protestante num mundo e num tempo que vai se tornando tão distante dela, tanto cronologicamente quanto no campo das ideias?
- Para muitas pessoas, a Reforma não passa de um fóssil histórico irrelevante para os dias atuais. Até mesmo muitos evangélicos não se identificam com ela, não se reconhecem como seus herdeiros. Os reformadores certamente ficariam horrorizados com muitas características que o seu movimento veio a assumir cinco séculos depois, tanto à direita quanto à esquerda do espectro teológico.
- Será que a Reforma e sua mensagem continuam válidas para nós hoje? Ainda temos a aprender com ela? Será que a mensagem que abalou o mundo há 500 anos ainda tem algo a dizer à igreja e à sociedade contemporânea?

1. Um mundo em mudança

- Na verdade, existem algumas semelhanças entre o nosso tempo e o tempo da Reforma. Uma delas são as tremendas transformações que vemos ao nosso redor, a começar do âmbito da tecnologia da informação, com a revolução trazida pela internet e pelas redes sociais. O mundo do início do século 16 também experimentou o impacto poderoso de uma nova tecnologia – a imprensa, que foi tão decisiva para o êxito da Reforma.
- O século 16 ainda testemunhou enormes mudanças no próprio conceito de mundo. Até então o mundo, em especial o mundo cristão, se resumia essencialmente à Europa. A partir de 1492, com a viagem de Colombo, tiveram início as grandes navegações e os grandes descobrimentos que revelaram um mundo muito maior e mais complexo do que se imaginava.
- Houve também grandes mudanças nos âmbitos político, econômico e social: o fortalecimento dos estados nacionais, o crescimento do nacionalismo, o declínio do feudalismo, a expansão das cidades, a ascensão da classe média (a burguesia), as tensões entre igreja e estado, entre nobres e camponeses.
- Outro fenômeno revolucionário foi o Renascimento, com seu enorme impacto na esfera da literatura, da filosofia, da arte e da cultura em geral. Os intelectuais da Renascença, os humanistas, questionaram profundamente as formas tradicionais de autoridade, inclusive a igreja. Começava a surgir uma mentalidade mais secularizada, aberta e pluralista do que existia até então.
- Foi nesse mundo de grande fluidez e dinamismo que ocorreu a Reforma. E nesse sentido o seu tempo se assemelha ao nosso, com suas próprias

mudanças gigantescas: no terreno da sexualidade, do conceito de gênero, do casamento e da família; na esfera das ideologias, do politicamente correto; na globalização; no recrudescimento das tensões sociais, da pobreza e da fome; no acirramento das disputas entre as nações e os grupos étnicos e religiosos; no aumento da violência na forma do terrorismo e da criminalidade; nos fenômenos simultâneos do secularismo avassalador e do renovado interesse pela religiosidade.

- Pensemos em alguns desafios que a Reforma traz à igreja evangélica contemporânea, que vive o seu próprio contexto de enormes transformações.

2. Sola Scriptura

- O maior legado da Reforma ao mundo foi e continua sendo sua ênfase no evangelho da graça e da glória de Deus. Só o evangelho pode oferecer sentido e esperança ao homem evoluído, porém angustiado e confuso, do século 21.
- Como vimos, os reformadores foram instrumentos muito imperfeitos (vasos de barro), mas eles se esforçaram para transmitir com fidelidade o tesouro do evangelho. Daí o seu interesse pela Escritura, o registro original e autêntico do evangelho de Cristo.
- Os reformadores eram indivíduos apaixonados pela Palavra de Deus e lhe deram um lugar preeminente no seu programa de Reforma. A Bíblia passou a ser o critério supremo para a definição da fé e da vida cristã. Ela foi entendida como o registro inspirado e normativo da revelação especial de Deus à humanidade.
- Os reformadores explicaram e expuseram a Escritura nas suas obras teológicas, em seus tratados, em seus comentários bíblicos, em seus sermões, e nos catecismos e confissões de fé que produziram ou ajudaram a produzir. A Reforma popularizou e incentivou a leitura e o estudo da Bíblia como nunca tinha sido feito antes.
- Com a Reforma, a Bíblia passou a ser a referência principal para a teologia, o culto, a pregação, as missões, a ética e a espiritualidade cristã. Porém, isso não foi feito em detrimento das contribuições anteriores da história da igreja. As decisões dos concílios ecumênicos dos primeiros séculos, os credos da igreja antiga, as reflexões dos pais da igreja e de teólogos posteriores, a tradição exegética da igreja – tudo isso também foi valorizado na medida de sua fidelidade à Escritura e ao evangelho.
- Esse é um desafio relevante que a Reforma nos traz no século 21. O desafio de retornar continuamente à Escritura, lê-la com atenção, interpretá-la de modo equilibrado e coletivo, ou seja, levando em conta todo o esforço exegético feito ao longo dos séculos. Duas obras relevantes nesse sentido são *Lendo as Escrituras com os pais da igreja*, de Christopher Hall, e *Lendo as Escrituras com os reformadores*, de Timothy George.
- Mais concretamente, a Reforma nos desafia a pregar e ensinar a Escritura de modo cuidadoso, sistemático, consistente e atraente como o fizeram, por exemplo, os puritanos. Ao mesmo tempo, devemos desafiar os fiéis a lerem mais e, muito importante, aplicaram a Escritura ao seu viver diário. Crítica de

um sacerdote: ficar olhando para a luz da lanterna, em vez de usá-la para iluminar o caminho.

2.3 A justificação pela fé

- Outra ênfase da Reforma que é um contínuo desafio para nós é a verdade bíblica da justificação pela fé, encontrada por Lutero em Romanos 1.17 e outras passagens: “o justo viverá por fé” ou “o justo pela fé, viverá”. Para o reformador alemão, esse é o artigo mediante o qual a igreja permanece de pé ou cai.
- A doutrina da justificação reuniu três dos “solas” da Reforma: *sola gratia*, *solus Christus* e *sola fides*. Em sua graça soberana e misericordiosa, Deus entregou por nós o seu Filho; crendo nele, somos justificados, declarados justos. A justiça de Cristo nos é concedida, atribuída, imputada. “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5.21).
- Lutero insistiu em colocar um qualificativo no final da expressão, por entender que era essa a intenção das passagens bíblicas: “justificação pela fé somente” ou, de modo mais completo e fiel, “justificação pela graça mediante a fé somente”, com a exclusão das obras, dos méritos, da colaboração humana. Daí, *sola fides*.
- Quando criticado pelos católicos no sentido de que isso tornava a salvação fácil demais (basta crer e nada mais), Lutero acrescentava que a justificação é pela fé somente, sim, mas não por uma fé que está só. “Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor” (Gl 5.6).
- A fé verdadeira sempre é dinâmica, operosa, frutífera. Como Paulo escreve aos tessalonicenses: “... recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa fé, da abnegação do vosso amor e da firmeza da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo” (1Ts 1.3).
- Somos desafiados a retornar continuamente a essas gloriosas verdades, as chamadas doutrinas da graça, porque elas estão no cerne do evangelho. Devemos pregar e ensinar essas verdades, levar as pessoas a entendê-las corretamente, a ser profundamente gratos por elas e a vivenciá-las fielmente, compreendendo as suas implicações.
- Mal compreendida, a doutrina da justificação pela fé somente pode levar à indolência, à passividade e ao comodismo. Nosso desafio é mostrar o verdadeiro sentido dessa doutrina e dessa fé, a fé que atua pelo amor.

2.4 A centralidade de Deus

- A preocupação com a justificação pela fé “somente” refletia o interesse dos reformadores em atribuir toda glória a Deus no processo de salvação – “Soli Deo gloria”. Como afirma o apóstolo Paulo escrevendo aos romanos: “Por que dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente” (Rm 11.36).
- Essa é outra característica da Reforma que tem sido tão esquecida em nossos dias e precisa ser continuamente resgatada ou recuperada pela igreja – o

reconhecimento de que o Deus triúno, em sua graça e glória, está no centro de toda a realidade, e certamente no centro da fé e vida da igreja e de cada cristão.

- Uma das áreas em que isso deve ocorrer é o culto. Na piedade católica medieval havia muitos outros seres que concorriam com Deus no interesse e na devoção das pessoas: a mãe de Jesus, os mártires, os santos, os anjos. Os reformadores insistiram na verdade bíblica de que somente Deus deve ser objeto de adoração, como declarou Jesus: “Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto” (Mt 4.10; Lc 4.8).
- Hoje com muita frequência as pessoas, os adoradores, se tornam o centro do culto. A liturgia em muitas igrejas evangélicas é voltada para a satisfação dos clientes, para o atendimento das necessidades, predileções e desejos dos fiéis. O culto corre o risco de se tornar um espetáculo, uma forma de entretenimento. Algumas das verdades mais necessárias e profundas da Escritura são omitidas com o objetivo de não desagradar ou afugentar o rebanho.
- Com isso, o Senhor Deus passa a ocupar um lugar subalterno, periférico na atividade mais importante da igreja. Um desafio que a Reforma nos traz é tornar o nosso culto aquilo que ele deve ser – um culto teocêntrico, voltado acima de tudo para a glória e o louvor de Deus. O que não significa desprezar as pessoas e suas necessidades, mas direcionar suas mentes e corações constantemente para a majestade de Deus.

2.5 Uma vida cristã integral

- A Reforma nos conclama para a vivência mais plena possível do evangelho de Cristo. Existem vários componentes importantes da vida cristã e todos devem ser cultivados para que a experiência com Cristo seja a mais fiel e rica possível. Não devemos nos interessar só por alguns desses elementos, mas por todos.
- Um deles é a comunhão com Deus, a vida de santificação. Muitos autores têm apontado para a tendência secularizante do protestantismo. A tradição católica dava aos seus fiéis um profundo senso do sagrado, do mistério da fé, a começar da arquitetura dos templos e da riqueza da liturgia. O culto católico produzia um profundo impacto religioso, emocional e estético sobre os participantes.
- No protestantismo, o culto passou a ser simples e despojado (“quatro paredes lisas e um sermão”), tendo poucos elementos simbólicos e forte ênfase no discurso racional, com pouco espaço para a emoção. Desfez-se a distinção entre sagrado e profano.
- O desafio para nós hoje é, sem abrir mão de nossas convicções bíblicas e reformadas, cultivar uma vida de rica e profunda comunhão com Deus, recuperar o elemento da vibração e do encantamento com as coisas espirituais, buscando um sadio equilíbrio entre intelecto e sentimento, mente e coração. Ao mesmo tempo, valorizar a busca da santificação.
- Outro aspecto a ser resgatado é a importância da igreja, o sentido de comunidade e de participação que deve caracterizar a igreja. Dois extremos a

evitar são o ativismo e a passividade, desafiando os fiéis a não serem meros expectadores, mas participantes envolvidos na vida da igreja e dos irmãos.

- Finalmente, há que se destacar os elementos do serviço e do testemunho. A Reforma nos deixou um grande legado e desafio no sentido de demonstrar o amor de Cristo aos sofredores. A responsabilidade social e o exercício da misericórdia fazem parte das implicações do evangelho. De igual modo, a Reforma nos conclama a um esforço para tornar conhecido diante do mundo o amor de Deus revelado em Cristo. Se não o fizermos, ninguém mais o fará.

Conclusão

- Sejamos gratos a Deus pela Reforma e pelo transcurso de seu 5º centenário. Alegremo-nos com seu legado positivo (retorno às Escrituras, uma nova espiritualidade, ênfase na educação, influência na política, ética pessoal e social) e com seus desafios (valorização da Escritura, justificação pela fé, a centralidade de Deus, uma vida cristã integral).
- Sejamos dignos continuadores da obra de restauração do evangelho iniciada por nossos antepassados espirituais, os reformadores do século 16.